



FOLHA DOMINICAL

Domingo VI do Tempo Comum

Primeira Leitura (Jr 17, 5-8)

Eis o que diz o Senhor: «Maldito quem confia no homem e põe na carne toda a sua esperança, afastando o seu coração do Senhor. Será como o cardo na estepe, que nem percebe quando chega a felicidade: habitará na aridez do deserto, terra salobre, onde ninguém habita. Bendito quem confia no Senhor e põe no Senhor a sua esperança. É como a árvore plantada à beira da água, que estende as suas raízes para a corrente: nada tem a temer quando vem o calor e a sua folhagem mantém-se sempre verde; em ano de estiagem não se inquieta e não deixa de produzir os seus frutos».

O texto de Jeremias contém um oráculo profético de estilo sapiencial que parafraseia o Salmo 1. Na sua base está uma imagem frequente nas Escrituras hebraicas que, por sua vez, constitui também uma metáfora da conduta humana: a existência de dois caminhos que conduzem, um à perdição e outro à felicidade. Num paralelismo antitético, estabelece-se um contraste entre ambos, refletindo as atitudes e a vida de quem escolhe um ou outro: aquele que se apoia nas suas próprias seguranças, «afastando o seu coração do Senhor», e aquele que «coloca no Senhor a sua confiança». O salmo responsorial gira em torno desta mesma oposição. Os ímpios são apresentados em bloco e, perante eles, destaca-se o modo de agir do sábio, que não partilha os seus projetos nem o seu modo de pensar. O sábio identifica-se com aquele que tem como guia a Lei do Senhor. Esta ideia faz parte da reflexão sapiencial de Israel, onde a sabedoria chegou a identificar-se com a Torá. É também tradicional a identificação do justo com o sábio e do malvado com o insensato. O início e o fim do salmo relacionam-se e concentram todo o seu conteúdo: é feliz o justo que medita a Lei do Senhor e, ao mesmo tempo, o Senhor protege o caminho do justo. Recorrendo a imagens vegetais, o caminho do malvado é apresentado como algo inconsistente e instável, enquanto o justo é representado como uma árvore regada, firmemente enraizada e com frutos abundantes.

Segunda Leitura (1Cor 15, 12.16-20)

Irmãos: Se pregamos que Cristo ressuscitou dos mortos, porque dizem alguns no meio de vós que não há ressurreição dos mortos? Se os mortos não ressuscitam, também Cristo não ressuscitou. E se Cristo não ressuscitou, é vã a vossa fé, ainda estais nos vossos pecados; e assim, os que morreram em Cristo pereceram também. Se é só para a vida presente que temos posta em Cristo a nossa esperança, somos os mais miseráveis de todos os homens. Mas não. Cristo ressuscitou dos mortos, como primícias dos que morreram.

Paulo argumenta sobre a relação indissolúvel entre a ressurreição de Cristo e a ressurreição dos mortos. Pretende responder à problemática surgida na comunidade de Corinto a esse respeito, devido a certas conceções sobre a corporalidade que impediam a aceitação da ressurreição. Afirmava-se que Cristo tinha ressuscitado (1 Cor 15,1-11), mas não se estabelecia uma relação substancial com a ressurreição futura. A forma que Paulo encontra para refutar essa crença é expor as suas consequências. Fá-lo através de uma sucessão de frases condicionais, seguindo um argumento por redução ao absurdo, típico da retórica clássica da época. A sua lógica baseia-se na relação intrínseca entre as duas afirmações, de modo que negar a ressurreição dos mortos equivale a negar a de Cristo e, consequentemente, opor-se ao kerigma fundamental da fé. Daí decorre o esvaziamento do conteúdo da fé e da fé em si mesma. O resultado de tantos absurdos seria que a fé em Cristo se tornaria pura ilusão, sem qualquer impacto na vida dos coríntios, não influenciando o seu futuro nem sustentando a sua esperança em Cristo. Para Paulo, ter fé em Cristo apenas nesta vida tornaria os cristãos os mais infelizes de todos os homens. A frase final reafirma o kerigma, apresentando Cristo como a primície dos que morreram. A ressurreição dos mortos não é uma questão meramente teórica, mas algo intrinsecamente ligado à vida do crente em todas as suas dimensões; é o primeiro fruto e a garantia da vida futura.

Evangelho (Lc 6, 17.20-26)

Naquele tempo, Jesus desceu do monte, na companhia dos Apóstolos, e deteve-Se num sítio plano, com numerosos discípulos e uma grande multidão de toda a Judeia, de Jerusalém e do litoral de Tiro e Sidónia. Erguendo então os olhos para os discípulos, disse: Bem-aventurados vós, os pobres, porque é vosso o reino de Deus. Bem-aventurados vós, que agora tendes fome, porque sereis saciados. Bem-aventurados vós, que agora chorais, porque haveis de rir. Bem-aventurados sereis, quando os homens vos odiarem, quando vos rejeitarem e insultarem e proscreverem o vosso nome como infame, por causa do Filho do homem. Alegrai-vos e exultai nesse dia, porque é grande no Céu a vossa recompensa. Era assim que os seus antepassados tratavam os profetas. Mas ai de vós, os ricos, porque já recebestes a vossa consolação. Ai de vós, que agora estais saciados, porque haveis de ter fome. Ai de vós, que rideis agora, porque haveis de entristecer-vos e chorar. Ai de vós, quando todos os homens vos elogiarem. Era assim que os seus antepassados tratavam os falsos profetas.

Lucas recolheu neste texto diversos ensinamentos de Jesus e estruturou-os, estabelecendo um paralelismo por contraste. Às quatro bem-aventuranças dirigidas às pessoas que sofrem marginalização, contrapõe quatro «ais», que ressoam como um aviso para aqueles que vivem em situações opostas. O objetivo é revelar a dinâmica do Reino, que começou a manifestar-se em Jesus. A ênfase na justiça social reflete que o autor se dirige a uma comunidade marcada por grandes desigualdades entre ricos e pobres. A chegada do Reino implica uma inversão dessas divisões e manifesta a predileção de Deus pelos últimos. Naquela época, a prosperidade era vista como um dom com que Deus recompensava o bom comportamento de alguém ou dos seus antepassados. No entanto, Jesus apresenta aqui um novo rosto de Deus, que escolhe os pobres devido às circunstâncias que suportam e declara

felizes aqueles que a sociedade considera malditos. Assim, Jesus desestabiliza a escala de valores dominante e apresenta o Reino a atuar em realidades inesperadas. As bem-aventuranças tornam-se, ao mesmo tempo, uma denúncia e uma revelação de Deus. Os «ais» que se seguem ajudam a evitar interpretações erradas sobre quem está incluído ou não entre os grupos marginalizados. O tom ameaçador procura provocar uma mudança, convidando a reconsiderar riquezas e honras como bens efémeros e passageiros, quando comparados com a mensagem do Reino.

Deus nas letras humanas

Para atravessar contigo o deserto do Mundo

Para atravessar contigo o deserto do mundo
Para enfrentarmos juntos o terror da morte
Para ver a verdade para perder o medo
Ao lado dos teus passos caminhei

Por ti deixei meu reino meu segredo
Minha rápida noite meu silêncio
Minha pérola redonda e seu oriente
Meu espelho minha vida minha imagem
E abandonei os jardins do paraíso

Cá fora à luz sem véu do dia duro
Sem os espelhos vi que estava nua
E ao descampado se chamava tempo

Por isso com teus gestos me vestiste
E aprendi a viver em pleno vento.

Sophia de Mello Breyner Andresen

Avisos Paroquiais | 16 a 23 de fevereiro

16 | VI Domingo do Tempo comum

17 | Reunião com a Comissão Permanente do Conselho Paroquial Pastoral | 21:30

18 | Reunião com os Ministros Extraordinários da Comunhão | 21:30

20 | Reunião com o Secretariado da Catequese | 21:30

21 | Encontro com os pais dos catequizandos do segundo ciclo (5º, 6º, 7º e 8º ano) | 21:30

22 | “Dia da casa comum”. Recolha de papel para reciclar e com os fundos continuar a cuidar da sustentabilidade das nossas escolas na Guiné | 10:00-12:00

23 | VII Domingo do Tempo comum